

sabia sôbre sabiá? então saiba e fique sábia...

Sabiá — pertence à família dos TURDÍDEOS, nome dado por extensão ao gênero saltator, frigididade, poca. Existem 19 espécies de sabiá no Brasil: sabiá branco, da capoeira, da Lapa, da Mata, da Praia, da restinga, cinzento, coleira, do banhado, do campo, do brejo, guaçu, laranja, laranjeira, pardo, poca, preto, tinga, una. "São aves de tamanho médio, olhos grandes, bico longo e forte, algo encurvado, e com cerdas basais raras ou ausentes, segundo Eurico Santos. O colorido geral é pardo, ou pardo avermelhado, exceto na única espécie do gênero, o sabiá-una, que o macho é preto. O regime alimentar é onívoro, vivem nas capoeiras, nos campos e na mata, mas comportam-se muito bem na gaiola. Seu canto é patético, tende para o ingênuo e primitivo, sem preocupações musicais, mas entenece a todos os que o escutam."

Em 1587, há quase quatrocentos anos atrás, Gabriel Soares de Sousa, um dos nossos primeiros historiadores, escreveu ao Rei de Portugal e Espanha, D. Filipe II, que no Brasil existia uma ave rara e bellissima, de origem indígena, com canto suave, chamada sabiá. Foi o começo da glória!

menteiras. Dai o ditado:
Come pimenta que nem
sabiá...

Em 1951, surgiu o baião de Luis Gonzaga e Zé Dantas, e em 1956, o samba para o carnaval de Mirabeau e Milton de Oliveira. Em 1958, outro baião de Irene Macedo e Chiquinho Reis. E o sabiá ficou meio esquecido durante 10 anos. Mas voltou para vencer o Festival da Canção, com a letra do Chico Buarque de Holanda, música de Tom Jobim, e Cynara e Cybele cantando. Foi a glória definitiva do sabiá!

* Gonçalves Dias "oficializou" o sabiá. Morando em Portugal, Coimbra precisamente, sentia tantas saudades brasi-

leiras que em julho de 1843 escreveu a "Canção do Exílio" que aí vai publicada com a grafia da época. Mas notem, não estava exilado! "Minha terra tem palmeiras — onde canta o sabiá — As aves que aqui gorjeiam — não gorjeiam como lá. — Minha terra tem primores — que taes não encontro eu cá — em scismar sosinho a noite — mais prazer encontro eu lá. — Minha terra tem palmeiras — onde canta o sabiá. — Não permita Deus que eu morra — sem que eu volte para lá — sem que eu destructe os primores — que não encontro por cá — sem qu'inda aviste as palmeiras — onde canta o sabiá..."

O sabiá também é grande amigo das pi-



sabiá na música

E houve o sabiá da Mata, em chorinho para flauta de Chiquinha Gonzaga, e o sabiá Feiticeiro, de Lina Pesce, Em 1950, surgiu o sabiá lá na gaiola, baião de Hervé Cordovil e Mário Vieira: "Sabiá lá na gaiola, fêz um buraquinho, / Vuou, vuou, vuou, vuou / E a menina que gostava tanto do bichinho / Chorou, chorou, chorou, chorou; / Sabiá fugiu pro terreiro / Foi parar lá no abacateiro / E a menina diz soluçando: / Vem cá, sabiá, vem cá..."

Teve o samba de Mangueira para o sabiá, como convém acontecer, de Benedito Lacerda e Frazão, em 1944. "Desde o dia em que me despedi de Mangueira / Nunca mais vi o povo de lá / Nunca mais cantei, nunca mais sambei / Não mais escutei o canto do meu sabiá; / Meu sabiá cantava noite e dia / Cantava noite e dia sem parar / Constituía minha alegria; / Que o luxo da cidade quer roubar / Aquê sabiá foi quem me deu inspiração / Pra fazer meu primeiro samba-canção".

Neste meo tempo, aconteceu o sabiá Laranjeira, em 1937, de autoria de Max Bulhões e Milton de Oliveira, e em 1940, o sabiá Forasteiro, de Paulo Rodrigues e Pedro de Carvalho. Sem data precisa, aparece o sabiá unô, canção sertaneja, na base do maxixe, de Francisco Ponzio Sobrinho e Batista Júnior, que é o pai da Dircinha e Linda Batista. "O meu padrinho um belo dia / Me fêz presente de um sabiá / O passarinho quando me via / Constantemente se punha a cantá; / Meu sabiá unô, unô / Foi s'imbora e aqui me dexô..."

No carnaval de 1938, Jararaca e Vicente Paiva apresentaram a versão carnavalesca do sabiá, na voz de Silvio Caldas: "Sabiá, sabiá / quando escuto você / Sinto o peito invadido / por um mal desconhecido que eu não sei dizer / sabiá, sabiá / por que cantas assim; / Fico às vezes pensando / que

você está cantando / zombando de mim..."

Até tango o sabiá virou, acredite quem quiser. E tango sertanejo, de autoria de José Francisco de Freitas e Américo Garrido: E a rôla arrependida pela tua ingratitude / veio muito entristecida / implorá o teu perdão / o sabiá, coitadinho / a cantá jurô amô / fizeram os dois um ninho / todo coberto de flô...

Em 1932, na música Palmeira Triste, dedicada a Benedito Lacerda, o sabiá aparece em grande estilo na cantiga de Herivelto Martins: Uma palmeira de fôlha verdinha / Onde o sabiá se aninha / no inverno ou no verão / Eu sou a palmeira comprida / tu és o sabiá, querida, / fizeste o teu ninho no meu coração.

Nos registros do Almirante, no Museu da Imagem e do Som, há inúmeras músicas registradas com o título de "Sabiá" e, como no caso de "Pra machucar meu coração", de Ari Barroso, o passarinho aparece para ilustrar: "Meu sabiá, meu violão, e uma cruel desilusão foi tudo o que ficou, ficou ôôô pra machucar meu coração." Mas em 1928, Heckel Tavares e Joracy Camargo fizeram a Canção do Sabiá: Sabiá, cantando de madrugada, sabiá / o teu canto tem saudade / Saudade da madrugada / que o sol chega pra espantá. / Sabiá canta baixinho, sabiá não canta não — Que o Sol também quert'escutá / e a madrugada vai s'imbora / vai com raiva de você, sabiá, / As ave chora de alegria / e os orvaio cae das foia / que pegaro a embalagemia...

Em 1929, o chorinho de Sinhô fêz sucesso. Reparem na letra e no modo de escrever. O sabiá, então, ficou assim: Sabiá, sabiá, cantou na mata / E anunciou schiu schiu / No melhor da minha vida / Meu amor fugiu... / Procurei me aproximar / do sabiá encantador / Que sentindo o meu pesar / Fêz tal qual o meu amor...



um criador de sabiás

Glaudir Castro e Silva — criador de passarinhos. E de sabiás uma das suas paixões. "Há muita espécie de Arte, de se fazer arte, quando a gente não pode viver o Amor vive a Arte. Com amor". Como todos os pássaros, o Sabiá é elegante, de porte muito bonito, mas muito desconfiado, aliás qualquer passarinho só canta, depois de sentir o ambiente. Quando encontram o lugar considerado ideal, abrem o canto. Da espécie dos sabiás, eu tenho os melhores: *sabiá da mata* ou *verdadeiro*; *coleira* e *laranjeira*. Como todos os meus passarinhos, têm nome de batismo: O primeiro, em homenagem a *Eduardo Sidney* criador também, recebeu este nome. O segundo, chama-se *Mário Ventura*, que tem pássaros desde os 4 anos, mora em Vila Isabel numa casa com mil passarinhos. *Beija-flôr* pousa no ombro dele até. E o terceiro, em homenagem a *D. Heloisa*, mãe do meu amigo *Hugo Leão de Castro* (Hugo Bidet). Os sabiás comem frutas, não têm moela e por isso sujam toda a gaiola, rapidamente. Conseguimos habituá-los a comer uma ração seca, misturada à fruta, a princípio, depois aceitam tranquilamente. Também comem "tambra", uma espécie de larva que faz parte da alimentação de toda ave, a gente tenta trazê-los para a natureza, já que estão na gaiola... A quem me pergunta se amando-os tanto, não gostaria de deixá-los livre, respondo que também eu condeno as casas de flores... E se cada um é responsável por seu egoísmo, posso cuidar do meu e procuro dar aos meus pássaros, o maior conforto. Fiz pesquisa, li tudo a respeito, perguntei a amigos e conhecedores... O dia em que não puder cuidar deles (muitas vezes privo-me de coisas particulares para poder mantê-los) prefiro dá-los a um amigo que o aprecie também, e vá proporcionar alimentação e amor. Amor só não é bastante, se esquecem de dar comida. Agora, é a época da reprodução — de setembro a novembro. Em reunião de conhecedores, o papo é sempre em torno de trocas, alimentação, desejo de possuir determinado pássaro etc. Os *passarinheiros* são diferentes, pensam em termos de dinheiro, são da linha do curió, trinca-ferro e bicudo".

Glaudir mora na rua dos Jangadeiros, em Ipanema, bairro que faz samba, poesia e coisa que vira notícia. Professor de Educação Física, organizou uma exposição de pássaros na Feira da Providência, e agora no Colégio André Maurois. Em seu apartamento, várias reuniões de grupos discutiam coisas difíceis como Vida, Amor e Morte. Agora, ele diz que prefere o silêncio. E o canto do sabiá, principalmente. Bem pertinho de sua casa fica o Rubem Braga, não menos famoso e dono da Editora Sabiá.

os defensores do sabiá



tom jobim



chico buarque

sabiá, poesia

Folclore brasileiro: — Sabiá canta na mata/ Descansa no seu agreste/ Um amor longe do outro/ Não dorme sono que preste.

Catulo: — A sabiá lá no alto da Ingazeira serena/ chorava como se fosse/ uma viola de pena...

Fagundes Varela: — Oh meu sabiá formoso/ sonoro/ já desponha a madrugada/ desabrocha a linda rosa/ donzella/ sobre a campina orvalhada.

Casimiro: — Se eu tenho que morrer na flor dos anos/ Meu Deus! não seja já/ eu quero ouvir na laranjeira, à tarde/ cantar o sabiá.

Cassiano Ricardo:
Nunca fui a Portugal
não por falta de querer
nem por perder meu lugar
que este bem guardado está
Dificuldades de vida...
Contratempos de memória...
Certas questões de prosódia
e outras pequenas ablamos
postos entre mim e o Atlântico

Até que algum dia eu vá:
Não conheci meu avô senão
Não ouvi senão em sonho, o
No entanto, talvez lirismo —
lirismo da hora H
ah, que saudade que eu sinto
Ide tudo que ficou lá.

Fui marujo com certeza pois
Tenho alma azul marinha
Vim pro Brasil tão futuro que
nunca soube que vinha.
Hoje caço papagaios e outras
laves tagarelas

Mas nada! escapando mundos
no bôjo das caravelas
entre o azul e o deus-dará.
Com os olhos do meu avô
conheci horizontes não
gentes de tôdas as cores
e os mais variegados povos
que só em sonho revejo
por nunca ter ido lá

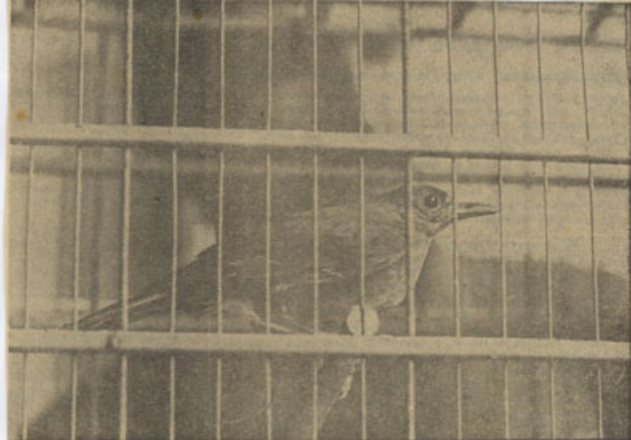
No doloroso retrato que no
meu sangue caminha
me vieram essas paisagens
filhas de audaciosas viagens.
Condição estranha, a minha.
Sinto que sou quase autor
da carta de Vaz Caminha.

Onde estaria eu agora?/ Meu
avô onde estará?/ Saudade
de Portugal que o coração
me espelzilha./ Sem saber se
ele me quer/ Esta a saudade
que fere/ mais do que as ou-

tras quiçá./ Sem auxílio nem
palmeira/ onde canta um sa-
biá...

Saudade assim por herança
de coisas que não conheço
chega a ser quase, esperan-
ça...

Esperança pelo avêso
Saudade tanto mais grave
por nunca ter ido eu lá.
Saudade maior? não tem
Não tem, não senhor, não há.



sabiá

em novo canto

Tom Jobim e Chico Buarque

Vou voltar — Sei que ainda vou voltar — Para o meu lugar, foi lá — E é
ainda lá — Que eu hei de ouvir cantar — Uma sabiá. — Vou voltar — Sei
que ainda vou voltar — Vou deitar à sombra de uma palmeira — Que já não
há — Colhêr a flor — Que já não dá — E algum amor — Talvez possa es-
pantar — As noites que eu não queria — E anunciar o dia. — Vou voltar
— Sei que ainda vou voltar — Não vai ser em vão — Que fiz tantos planos
de me enganar — Como fiz enganos de me encontrar — Como fiz estradas
de me perder — Fiz de tudo e nada de te esquecer. — Vou voltar — Sei que
ainda vou voltar — E é pra ficar — Sei que o amor existe — Eu não sou mais
triste — E que a nova vida já vai chegar — E que a solidão vai se acabar —
E que a solidão vai se acabar...



cunara e cybelle